# Andrade Furtado - Raízes e Origens (*)

Luís Edgar de Andrade

Vou começar por onde as histórias geralmente terminam: por um casamento. O noivo tinha 29 anos. A noiva, sete anos mais velha, ia fazer 37.

Foi 101 anos atrás. No dia 9 de fevereiro de 1889, nove meses antes da proclamação da República, o vigário de Quixeramobim, no Ceará, Padre Salviano Pinto Brandão, uniu pelos laços do matrimônio dois modestos paroquianos: o poeta José Furtado de Mendonça Bezerra de Meneses, o Juca, e a zeladora do Apostolado da Oração, Ana Estela Saraiva de Andrade, a Naninha.

Juca, nascido em Quixeramobim, a 12 de julho de 1860, era filho do fazendeiro Vasco Rogério Furtado de Mendonça e Meneses e de Henriqueta Angélica do Patrocínio Bezerra. Naninha, também de Quixeramobim, nascida a 2 de março de 1853, era filha do vereador Manuel Antônio de Andrade e de Felícia Antônia Saraiva Leão.

Um ano depois do casamento, no dia 28 de janeiro de 1890, nascia em Quixeramobim o único filho do casal: Manuel Antônio de Andrade Furtado, meu pai, homem público, jornalista, professor e poeta, cuja vida e obra o ilustre conferencista, professor Luís Sucupira, acaba de nos contar.

O menino Manuel Antônio – chamado em casa Andradinho, mais tarde Andrade – recebeu o nome de batismo em homenagem ao falecido avô materno, Manuel Antônio de Andrade, que foi, em Quixeramobim, em meados do século passado, presidente da Câmara de Vereadores, juiz municipal substituto e coletor de rendas.

Não vou repetir a história do garoto. Apenas um fato: aos treze anos, Andrade perdeu a mãe. Ela, Naninha, morreu em Quixeramobim, a 12 de julho de 1903, dia em que o marido, Juca, fazia 43 anos. Minha avó padeceu, durante meses, sem o menor tratamento médico, de um câncer na mama. Ou, como se dizia na época, de "longa e cruciante enfermidade". Segundo o necrológio publicado num jornal de Fortaleza, "era o tipo da mulher forte do Evangelho: meiga, boa, compassiva, caridosa – um compêndio das mais acrisoladas virtudes".

Naninha tinha perdido o pai, Manuel Antônio, em 1862, aos oito anos. Es-

(*) Discurso proferido em nome da família do Dr. M. A. de Andrade Furtado, agradecendo a homenagem do Instituto do Ceará, que, por iniciativa do Presidente Mozart Soriano Aderaldo, programou e realizou os festejos do centenário do grande cearense.

se Manuel Antônio, por sua vez, ficou órfão da mãe, em 1829, aos onze anos. Enquanto que Juca, marido de Naninha, perdeu o pai aos oito anos, em 1868, e a mãe aos dezessete, em 1877. Sofria-se muito, antigamente.

Durante o século passado, o drama da orfandade se repetiu, de geração em geração, tanto entre os Furtados como entre os Andrades de Quixeramobim. José Furtado de Mendonça Bezerra de Meneses e Ana Estela Saraiva de Andrade traziam, ambos, da infância um repertório de lembranças trágicas.

A história de Naninha era a história da epidemia do cólera em Quixeramobim. O mês de junho de 1862 foi terrível para os Andrades. No dia 4 de junho, a menina Ana Estela, de nove anos, viu morrer de cólera a tia Maria das Mercês, viúva do tio Trajano de Andrade, falecido de cólera, quatro meses antes, a 23 de janeiro. No dia seguinte, 5 de junho, morreram o pai da menina, Manuel Antônio de Andrade, 44 anos, e o irmãozinho José, de dois anos. E, antes de junho terminar, no dia 26, morreu mais uma irmã: Maria d'Anunciação Francisca, de 20 anos.

A infância de Juca também foi marcada por desgraças. Primeiro, a morte do pai. O Capitão da Guarda Nacional Vasço Rogério Furtado de Mendonça e Meneses tinha por hábito percorrer a fazenda, todos os dias, a cavalo, para inspecionar o gado. Saía e voltava, pontualmente, às mesmas horas. No dia 18 de maio de 1868, o menino de oito anos viu o cavalo do pai voltar sozinho, com os arreios, antes da hora habitual. Na porta da casa, o animal se pôs a rinchar, batendo com os cascos na calçada. A mãe do menino, nervosa, mandou que um empregado montasse no cavalo, deixando as rédeas soltas. O cavalo foi até o lugar onde jazia, de bruços, estirado no mato, o dono da fazenda.

E a infelicidade continua. Com 13 anos, à beira da adolescência, Juca haveria de enfrentar uma situação extrema. Por muito pouco, não foi enterrado vivo. Dado como morto, a mãe mandou comprar a mortalha. O caixão já estava no cemitério, quando alguém percebeu, no suposto cadáver, ligeiro movimento: uma contração do músculo facial, junto ao lábio. Foi dado o alarme: "Parem o enterro! O menino não está morto!". Ao recobrar, devagarinho, os movimentos, contou que, durante a cerimônia fúnebre, enquanto o padre fazia a encomendação do corpo, ele estava consciente, vendo tudo, sem poder mexer-se, sem poder falar.

Há nos papéis da família uma carta escrita, no final do século, pela poetisa Patrocínio Furtado, irmã de Juca, em que se lê esta imprecação: "Quantas vezes, triste e pensativa, eu medito na avareza da sorte para contigo, bom e querido irmão, alma pura e elevada, formada no grande molde dos santos! Por que, em vez de gozos, risos e flores, só tiveste, na injusta partilha da fortuna, espinhos, prantos e dores?".

Ao se casar com Naninha Andrade, o poeta Juca Furtado declarou a profissão de criador. Mas nunca foi um pecuarista, como se diz hoje, ainda que tivesse herdado do tio Hermenegildo Furtado a fazenda Serrote dos Bois, em Riacho do Sangue, antigo Frade, hoje Jaguaretama.

Juca estudou para ser padre, no Seminário da Prainha, dirigido pelos lazaristas, em Fortaleza, até o segundo ano de teologia. Transferiu-se para o

Seminário de São Paulo, em Campinas, que teve de abandonar, um ano depois, com problemas de pulmão, antes de receber as últimas ordens.

De volta a Quixeramobim, o ex-seminarista dedicou-se àquilo que mais gostava: o estudo das línguas. Especialmente, o latim, o grego, o inglês e o italiano. Numa carta a meu pai, em 1961, a respeito do centenário de Juca, o falecido Professor Lauro Nogueira resumiu numa frase toda a atividade de meu avô, em Quixeramobim, no começo do século: "Lia, estudava; estudava e lia".

Em 1905, saiu em Fortaleza o seu único livro de poesia, "Flores do Coração", editado na Tipografia Minerva de meu outro avô, Assis Bezerra. O livrinho, com menos de cem páginas, lhe valeu um honroso verbete no "Dicionário Biobibliográfico" do Barão de Studart, fundador desta Casa.

Poeta e filho de poeta, o Dr. Manuel Antônio de Andrade Furtado descendia de um escrivão: o português de Funchal, na ilha da Madeira, Antônio Furtado de Mendonça e Meneses, que desembarcou, em Fortaleza, solteiro, na comitiva de um ouvidor, por volta de 1810, e logo abandonou o emprego, segundo a lenda, por motivos de consciência, para não compactuar com a injustiça de um processo.

Esse Antônio Furtado vem a ser o pai de Vasco Rogério. Do escrivão ao escritor, só houve, no meio, uma geração. Convertido em fazendeiro, o português se casou, em 1815, no Riacho do Sangue, com Isabel Ferreira Cavalcante, uma das quatro filhas do Coronel José Rodrigues da Silva, o Teimoso, e de Maria Inácia Cavalcante de Albuquerque, pernambucana. Depois de ter 12 filhos no Ceará, o ex-escrivão mudou-se para o vale do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, levando nove dos doze. Só ficaram, na terra natal, Hermenegildo, Vasco Rogério e Antônio Júnior. Todos os três se casaram com moças da família Bezerra de Meneses.

Nossos Furtados e Bezerras, como se vê, estão entrelaçados pelo casamento desde o começo. A bisavó Isabel do Dr. Andrade era irmã de Fabiana, mãe do gramático Manuel Soares da Silva Bezerra, líder católico em Fortaleza e patrono da cadeira de meu pai na Academia Cearense de Letras. Outro filho de Fabiana, o médico homeopata Adolfo Bezerra de Meneses, vereador e deputado pelo Rio de Janeiro, ficou conhecido como um dos introdutores do espiritismo no Brasil.

Manuel Antônio de Andrade Furtado tinha sangue Bezerra por parte de pai e por parte de mãe.

Pelo lado paterno, sua avó Henriqueta Angélica do Patrocínio era neta de Antônio Bezerra de Sousa Meneses, o Coronel Comandante das Armas da Revolução de 1824, mais conhecida como Confederação do Equador. Condenado à morte pelo tribunal militar do Coronel Jacob Conrado de Niemeyer, a sentença foi mais tarde comutada em degredo perpétuo no interior do Maranhão.

Os Bezerras, uma das duas famílias mais antigas do Brasil – a outra é a família Albuquerque – chegaram a Olinda, como se sabe, por volta de 1535, com Duarte Coelho, o donatário da capitania de Pernambuco. O primeiro Bezerra a pisar chão brasileiro, Antônio Bezerra Felpa de Barbuda, meu décimo segundo avô, nascido em Ponte de Lima, no Alto Minho, trouxe um filho, Domin-

gos Bezerra, que se casou, no Brasil, com Brásia Monteiro, filha do judeu Pantaleão Monteiro, dono de um dos primeiros engenhos de açúcar de Pernambuco.

Pelo lado Andrade, meu pai também tinha um trisavô Bezerra, que, por sinal, se chamava Luís Ferreira da Soledade Catunda. O Catunda, apesar do nome, era filho de uma Bezerra de Meneses: Teresa Maria de Jesus, mulher de um dos Josés Ferreiras Colaços. Luís Ferreira da Soledade Catunda viveu em Natal, no Rio Grande do Norte, onde foi casado, em segundas núpcias, com Bárbara Barbosa Cordeiro, descendente de Frutuoso Barbosa, primeiro donatário da capitania da Paraíba.

Chegamos assim ao movediço terreno dos Andrades. Ana Estela Saraiva de Andrade, minha avó paterna, filha de Manuel Antônio de Andrade, o que morreu de cólera, era neta do misterioso licenciado Plácido Francisco de Assis Andrade, um professor de latim, de origem desconhecida, que chegou a Morada Nova, no Ceará, viúvo, com quatro filhos, na década de 1830. No Ceará, ele fez política, tendo sido suplente de deputado provincial, na Assembléia, em Fortaleza, no ano de 1843.

A tradição da família, em Quixeramobim, informa que o licenciado veio de Goiana, em Pernambuco, onde não deixou rastros, mas onde ainda hoje há numerosos Andrades. Os parentes paraibanos pensam diferente. Estão convencidos de que o Plácido era português de nascimento, nomeado para ensinar latim no Brasil.

A análise grafológica de um manuscrito de poucas linhas, deixado por ele, indica, para quem acredita em grafologia, uma pista interessante. Houve, provavelmente, na vida desse homem, uma ruptura importante, pouco depois da adolescência. Ele deve ter rompido com a família e com as origens, das quais, afastado, não gostava de falar. Certos sinais de sua letra, segundo a grafóloga de São Paulo, Drª Odete Serpa Loevy, revelam uma vida secreta. Era, sem dúvida, uma pessoa muito fechada, nebulosa.

Sabe-se de Plácido, com certeza, que sua primeira mulher, Delfina de Torres Palhano, filha de Luis Ferreira da Soledade Catunda e mãe de Manuel Antônio de Andrade, morreu, em Goianinha, no Rio Grande do Norte, a 6 de setembro de 1829. Daí a lenda de Goiana. É provável que o nome Goianinha, passando de boca em boca, ao longo de duas gerações, tenha virado, na tradição oral, Goiana, em Pernambuco, cidade mais conhecida.

Resta o lado Saraiva Leão de meu pai. Sua avó materna, Felícia Antônia Saraiva Leão, mulher de Manuel Antônio de Andrade, era filha de Luís de Brito Lira e de uma Saraiva, Júlia Santana Maria da Encarnação.

Esse Luís de Brito Lira foi batizado em Russas no dia 8 de dezembro de 1778. O Barão de Studart, no "Dicionário Biobibliográfico", e o Dr. Antônio Benício, nas notas genealógicas, disseram que a mãe dele, Laura, era filha de um Távora, perseguido pelo Marquês de Pombal. Não é verdade. Laura Maria de Jesus, a falsa Laura Távora, provinha dos Melos de Pernambuco e dos Leitões Arnosos da Bahia.

Pelo lado paterno de Luís de Brito Lira pode-se avançar até a sétima ge-

ração, graças à "Nobiliarquia Pernambucana", de Borges da Fonseca. O Luís descendia dos Drummonds de Escócia. A bisavó dele, Juliana de Dormont, era filha do primeiro Drummond que chegou a Pernambuco, Leandro Teixeira Escócia de Drummond. Leandro veio da Madeira, na segunda metade do século XVII, logo após a expulsão dos holandeses. Muito antes, portanto, dos Drummonds de Minas Gerais.

Refractário à poesia moderna, mas bem humorado, como vocês estão lembrados, meu pai teria achado muito graça se tivesse sabido da coincidência: no sangue, era tão Drummond de Andrade quanto o grande Carlos.

Júlia Santana Maria da Encarnação, mulher desse Drummond, Luis de Brito Lira, era filha de quem? Era filha de Papai Saraiva, o Tenente-Coronel de Milícias Antônio Saraiva Leão, fundador da numerosa família.

Papai Saraiva deu o golpe do baú, casando-se com Ana Batista da Costa Coelho, filha natural do rico comerciante do Aquirás, o português João Batista da Costa Coelho. João Batista, casado com Micaela de Jesus Maria José, teve essa filha fora do leito conjugal, com uma Antônia de que a gente só sabe o que o neto, Dr. Antônio Benício, deixou escrito: "mulher branca da família Estribo Seco". Como nunca se ouviu falar nessa família Estribo Seco, a ênfase no "mulher branca" leva a crer no contrário: que Antônia fosse filha ou neta de índio.

Nosso passeio genealógico, a passo rápido, que começou pelos Bezerras, volta ao mesmo lugar. Papai Saraiva também era duas vezes Bezerra: Bezerra, pela mãe cearense, Albina Ferreira do Soveral, irmã de Luis Ferreira da Soledade Catunda, e Bezerra pelo pai pernambucano, Alexandre de Brito Pereira.

Graças mais uma vez ao benemérito Borges da Fonseca, autor da "Nobiliarquia Pernambucana", está provado que Alexandre de Brito Pereira era Bezerríssimo. Descendia em linha direta de Antônio Bezerra, o Barriga, que era neto do primeiro Bezerra de Pernambuco, vindo de Ponta de Lima, no Alto Minho: Antônio Bezerra Felpa de Barbuda.

Nosso ancestral Barriga, lamento informar, era, ao que consta, filho de um criminoso: Luís Brás Bezerra, que matou alguém, quatrocentos anos atrás, em Olinda, de parceria com uma mulher chamada Maria Dinis. Os dois foram levados presos para a Bahia, "culpados de aleivosa morte", como diz a sentença. Luís Brás seguiu degredado para a ilha de São Tomé, na África. Depois do degredo, viveu em Viana do Castelo, foz do Lima, onde nasceram os Bezerras Barrigas.

A genealogia não existe para gabar os ancestrais, mas para identificá-los. A descoberta desse degredado, no meio de nós, "degredados filhos de Eva", nos dá uma lição de humildade – virtude a que meu pai tanto foi afeiçoado.

Manuel Antônio de Andrade Furtado, uma vez, disse, com admiração, que o pai dele lhe transmitiu "a certeza de nada é mais precioso e mais exato do que a honestidade de ser humilde".

Homem que cultivava a modéstia, nos cargos que ocupou, meu pai só tinha uma vaidade, essa indisfarçável: a de pertencer ao Instituto do Ceará. Por

isso, é uma honra para nós, seus descendentes, que o centenário dele esteja sendo comemorado, aqui, no Instituto.

Em nome dos filhos e netos, aqui presentes, agradeço ao querido professor Luís Sucupira, nosso mestre, a aula de Andrade Furtado que nos deu.

Ao expressar este agradecimento, quero que minhas palavras sejam também – tal como ele escreveu, em 1960, no centenário do pai – "viva e sentida homenagem de gratidão e saudade à memória de quem tudo fez por mim (no caso, por nós), plasmando nosso caráter na escola do temor de Deus e da exaltação do Bem". Muito obrigado.